

## A crítica nas cartas: reflexões para uma nova historiografia

Doutoranda Marcia Regina Jaschke Machado<sup>1</sup> (USP)

### Resumo:

*As cartas que escritores e intelectuais brasileiros trocavam entre si durante as décadas de 1920 a 1940 revelam a existência de intensa circulação de manuscritos, acompanhada de uma “crítica informal” sobre esses textos em processo de criação. Enquanto fonte de pesquisa, essa “crítica”, produzida em espaço e período específicos, sugere uma abordagem histórica. A comunicação aqui proposta visa, portanto, refletir em que medida essa abordagem sobre a “crítica informal” pode se inserir no horizonte de uma nova proposta para a historiografia literária brasileira.*

**Palavras-chave:** Historiografia literária; Modernismo; Mário de Andrade; correspondência; manuscritos.

### Introdução

Esta exposição está vinculada à pesquisa de doutorado que iniciei há aproximadamente um ano, na qual me propus investigar os processos de circulação de manuscritos fixados entre Mário de Andrade e vários escritores e intelectuais durante as décadas de 20, 30 e 40, esta que se reduz ao ano de sua morte, 1945. Na correspondência que trocaram é possível verificar que, paralelamente a essa circulação, produzia-se uma “crítica informal” sobre textos ainda em processo de criação. Como no exemplo a seguir, em que Mário, comenta o soneto *Tarde*, de Alphonsus de Guimaraens Filho, que este lhe enviara em manuscrito:

[...] o soneto **tarde** tem um defeito de técnica, que não sei si defeito mesmo ou ocasional, que não estou disposto a perdoar. Me refiro à estranheza desagradável da palavra “gera”, no mau verso “Sonho de paz que os bons e os santos **gera**”. Não sei si o 1º terceto foi escrito, depois de escrito o segundo. Não há defeito nem desfavor em fazer isso numa forma tão exigente e estreita como a do soneto. Mas pra quem conhece um bocado de técnica, ao surgir a palavra “gera”, inda mais como vem colocada na frase, tem-se imediatamente a sensação de rima forçada. A sua colocação sintática é inaceitável na naturalidade da nossa língua, e só existe como chavão parnasiano. Creio mesmo que não aparece em métrica, antes do Parnasianismo (não me lembro), e é determinada pela necessidade de rimar. Na prosa então creio que nem mesmo nos estilistas rebuscados você encontrará semelhante construção. E ainda concorre pra acentuar a impressão de falso, a simplicidade de dicção em que o soneto vai. [...] Enfim, tem-se a sensação exata da muleta, coisa imperdoável num soneto.<sup>2</sup> (ANDRADE e BANDEIRA, 1974, p. 19)

<sup>1</sup> Marcia Regina Jaschke Machado, doutoranda pela Universidade de São Paulo (USP), no Programa de Literatura Brasileira. E-mail: marciaske@uol.com.br.

<sup>2</sup> Carta de Mário de Andrade a Alphonsus de Guimaraens Filho, de 30 de setembro de 1940.

Comentários como esse percorrem boa parte da correspondência do autor de *Macunaíma*, como se pode ler nas missivas a Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Henriqueta Lisboa, Murilo Rubião, entre tantos outros.

No âmbito da atual historiografia literária, que vem apontando para novas possibilidades de se interpretar o percurso da literatura brasileira, a circulação de manuscritos e a troca de idéias presentes nas cartas contribuem com elementos novos para a contextualização do movimento modernista brasileiro.

## **1. Uma nova perspectiva para a historiografia literária brasileira**

Atualmente, alguns estudos voltados para a história literária no Brasil têm mostrado tendência de distanciamento da tradição historiográfica. Um dos trabalhos que segue esse caminho foi apresentado por Luís Bueno<sup>3</sup>, e se propõe a fazer uma história do romance brasileiro durante a década de 1930.

O autor procura desvencilhar-se, em primeiro lugar, da visão panorâmica totalizadora, e, em segundo, daquilo que ele define de um padrão de análise que parte de generalizações ou de estereótipos para utilizar a obra literária como exemplo desses padrões: “A opção que desde o início orientou a escrita foi a de nunca partir de generalizações diante das quais o texto pudesse aparecer como mero exemplo” (BUENO, 2006, p. 11). Desse modo, propõe um trajeto inverso. Primeiramente, estipula um recorte no tempo, a década de 30; em seguida uma escolha de gênero, o romance. É a partir, então, da leitura exaustiva de todos os textos publicados no período, dos quais teve notícia, que constrói a contextualização da produção literária em prosa da década de 30.

Desse modo, tal estudo pode contribuir de forma inovadora para mostrar uma visão bastante ampla da produção literária de uma determinada época:

De fato, se olharmos para a maneira como a história literária tem caracterizado a geração que antecedeu Guimarães Rosa e Clarice Lispector, é difícil discordar de Silviano Santiago e Flora Süssekind. Afinal, os anos 30 são a época do romance social, de cunho neonaturalista, preocupado em representar, quase sem intermediação, aspectos da sociedade brasileira na forma de narrativas que beiram a reportagem ou o estudo sociológico. É claro que, nesse tempo, houve também uma outra tendência na qual pouco se fala, uma “segunda via” do romance brasileiro, para usar a significativa expressão de Luciana Stegagno Picchio, o chamado romance intimista ou psicológico, mas tão secundária que não teve forças para estabelecer-se como forma possível de desenvolvimento do romance brasileiro. (BUENO, 2006, p. 19)

Um enfoque verticalizador como esse, que faz um recorte no tempo e nele busca “rastrear” o máximo possível dos textos publicados, pode, em certa medida, oferecer uma dimensão bem mais ampla da produção literária de uma fase.

Nesse sentido, talvez seja válida também a proposição de abordagem vertical sobre a produção literária dos anos 20 e 30, mas que privilegie a “crítica informal” presente na correspondência trocada entre escritores e intelectuais brasileiros. Esses tipos de

---

<sup>3</sup> *Uma história do romance de 30*. São Paulo: Edusp, Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

comentários trazem, em geral, vários questionamentos em relação aos rumos do fazer literário da época, além de, em muitos casos, influenciarem na elaboração final dos textos literários. Desse modo, se, como defende JOHNSON (1995): “[...] os textos literários não são totalmente autônomos, nem inteiramente auto-suficientes e nem ainda simples ‘reflexos’ das estruturas sociais, mas sim que constituem uma rede dinâmica de relações sociais” (p. 166), as cartas podem servir como importante documento para contextualizar os rumos do pensamento intelectual do modernismo brasileiro.

Assim, o que se propõe, aqui, é uma observação detida sobre a relação entre intelectuais e escritores empenhados em pensar o Brasil, durante os anos 20 e 30.

## **2. Mário de Andrade e alguns de seus interlocutores**

Em carta a Luís da Câmara Cascudo, escrita de Araraquara em 26 de junho de 1925, Mário de Andrade agradece material sobre folclore que o amigo lhe enviara de Natal. Em relação aos seus estudos sobre identidade nacional, nela estampa a dedicação e o fascínio por conhecer melhor tal região:

Você nem imagina o gosto que me deu o campeiro vestido de couro que você mandou. Andei mostrando pra toda gente e mais a fotografia do maravilhoso cacto. As três fotografias já estão bem guardadinhas na minha coleção. Se lembre de mim quando vir fotografias de nossa terra aí dos seus lados. Meu Deus! Tem momentos em que eu tenho fome, mas positivamente fome física, fome estomacal de Brasil agora. Até que enfim sinto que é dele que me alimento! Ah! Si eu pudesse nem carecia você me convidar, já faz sentido que tinha ido por essas bandas do norte visitar vocês e o norte. [...]. Queria ver tudo, coisas e homens bons e ruins, excepcionais e vulgares. Queria ver, sentir, cheirar. Amar já amo. Porém você compreende demais, este Brasil monstruoso, tão esfacelado, tão diferente, sem nada nem sequer ainda uma língua que ligue tudo, como é que a gente o pode sentir íntegro, caracterizado, realisticamente? Fisicamente? [...] Como eu vivo e vibro a ânsia brasileira! (ANDRADE, 2000, p. 35-36)

A troca epistolar entre Mário de Andrade e Câmara Cascudo teve início em 14 de agosto de 1924, quando Mário agradeceu artigo que Cascudo escrevera sobre ele. A partir de então o laço de amizade entre eles se estreitou, o que muito contribuiu para aproximar Mário do universo cultural do Nordeste:

Gostei de saber que você (você tu) está folclorizando. Isso mesmo. Trabalhe e mande as coisas que fizer. Me interessam formidavelmente, porque são inteligentes, bem pensadas, ditas com leveza e graça. Só depois de tudo isso é que me interessam porque são suas, de amigo. Quando gosto, gosto primeiro pelo valor. Não misturo amizade com valor.<sup>4</sup> (ANDRADE, 2000, p. 37)

---

<sup>4</sup> Mesma carta, de 26 de junho de 1925.

Cascudo, que iniciava suas pesquisas sobre folclore, passou a enviar material para Mário, como se pode comprovar na carta de 6 de setembro do mesmo ano, como agradecimento pelo envio:

Recebi os índices. Também me puseram água no bico. Confesso que o livro de Lendas e tradições me interessa mais porquê me afeta nos meus assuntos e preocupações mais que os outros. Porém que venham estes e os devorarei. Não tenho nenhuma autoridade nem sabença em nenhum dos assuntos pra dar parecer. Digo só são interessantíssimos. [...] O nome do livro é autívssimo faz cocegas na gente. Terá extração certa. O sobre Lopes me ajudará na minha sabença de história patria tão pouco aprofundada. (ANDRADE, 2000, p. 38-39)

Esses índices, a que se refere Mário de Andrade, estão provavelmente em um manuscrito enviado por Câmara Cascudo; trata-se de uma relação de assuntos ligados ao folclore brasileiro pesquisados pelo estudioso de Natal. Nesse manuscrito, encontra-se a seguinte nota de Cascudo: “Os títulos sublinhados são | estudos da credence colletivamente. As lettras marcam os | capitulos especiais. As credences e tradições abrangem de Pernam- | buco ao Ceará, especialmente e caracteristicamente | o meu Estado. Ha muita novidade. O signal \* | avisa os trabalhos terminados.” (MACHADO, 2005, p. 106)

O Nordeste trouxe-lhe também a frutífera amizade do poeta pernambucano Ascenso Ferreira, mas foi sua esposa, Stella Gris Ferreira, quem lhe encaminhou material, como receitas de bolo e o manuscrito do próprio punho com história da cultura oral *Maria Borralheira*, a qual tenta reproduzir conforme ouvia quando menina. (MACHADO, 2005, p. 125-127)

Outra interlocutora fundamental sobre a questão do folclore brasileiro foi Oneyda Alavarenga, que está entre os grandes pesquisadores do tema no Brasil. Ela conhecera Mário ao tornar-se sua aluna de piano, e logo teve no escritor uma espécie de mentor que lhe orientava na elaboração de poemas e lhe indicava leituras. Alguns anos depois, em 1935, veio para São Paulo, a convite do próprio Mário de Andrade, trabalhar na recém criada Discoteca Pública Municipal. Participou, então, de forma engajada dos projetos de pesquisa folclórica de Mário, além de desenvolver os seus próprios junto ao órgão público. E a correspondência que trocaram até pouco antes da morte do autor de *Macunaíma*, comprova isso. Ainda em Varginha, cidade natal, ela já lhe enviava material:

Muito obrigado pelo Lundu e o Capineiro<sup>5</sup> que você colheu. Mande quando tiver tempo, não tenho pressa, que dessas coisas só tratarei mais tarde mesmo, agora estou completamente ocupado com os bailados nordestinos. E estou torcendo por que você faça boas colheitas musicais e aproveite as manhãs e o mato pra se fortificar. Veja si arranja por aí cururus, cateretês, fandangos, e veja si vê essas danças e si consegue diferenciá-las musicalmente, pelo ritmo, pelo acompanhamento de percussão, ou pelo menos pela coreografia. Sobre isso talvez, si por acaso essas danças existirem aí na sua zona, você poderá fazer um bom trabalho para publicar em revista, com temas, descrição e especificação de caracteres distintos

---

<sup>5</sup> Segundo Oneyda Alvarenga, trata-se de “Lundu do escravo” e “Capineiro de meu Pai”.

delas. Enfim, fique sempre à espreita e recolha tudo, tudo. Ninguém sabe si mais tarde, duma coisinha de nada que a gente recolhe, não vai sair uma documentação fundamental de qualquer coisa de que a gente nem tem idéia quando recolheu o documento.<sup>6</sup> (ANDRADE e ALVARENGA, 1983, p. 109-110)

As cartas são rica documentação que testemunha o forte vínculo entre ambos e fornece a dimensão das questões teóricas que os preocupavam. Entre elas está a mais extensa missiva redigida por Mário de Andrade:

Começada em 14-IX-40, tem sessenta páginas manuscritas (a maior carta que escreveu na vida, afirmou ele), quase inteiramente tomadas pela discussão de um problema intelectual meu [Oneyda Alvarenga], colocado em minha carta de 10-IX-40. Na sua resposta, além de analisar o problema estético que eu lhe propusera, Mário expõe a sua formação intelectual e espiritual. Se não me engano, em toda a sua correspondência ativa conhecida, esse é o único documento que Mário escreveu expressamente para dar um balanço clarificador em suas idéias básicas sobre a apreciação da arte, em suas raízes intelectuais e espirituais e em suas peculiaridades psicológicas. (ANDRADE e ALVARENGA, 1983, p. 11)

Tem-se, enfim, uma pequena amostra de como um olhar atento para a troca de idéias e circulação de manuscritos entre os modernistas pode ir mapeando um contexto tão rico e que tanto pode ainda ser explorado.

## **Conclusão**

Como se vê, Mário de Andrade juntou-se a vários outros escritores, artistas e intelectuais que tivessem em comum o projeto de estudar a identidade nacional brasileira. Nesse sentido, por meio das cartas e da circulação de manuscritos, é possível perceber o interesse em comum, os principais temas discutidos e como uns podiam contribuir para a produção dos outros.

Este trabalho pretendeu, enfim, lançar o problema e sugerir um debate que parece tão fértil para a proposta de uma revisão da historiografia literária brasileira.

## **Bibliografia**

- ANDRADE, Mário. **Cartas de Mário de Andrade a Luis da Camara Cascudo**. Introdução e notas Veríssimo de Melo. Belo Horizonte, Rio de Janeiro: Editora Itatiaia, 2000.
- \_\_\_\_\_. e ALVARENGA, Oneyda. **Mário de Andrade – Oneyda Alvarenga: cartas**. Oneyda Alvarenga (org.). São Paulo: Duas Cidades, 1983.

---

<sup>6</sup>.Carta de Mário de Andrade a Oneyda Alvarenga, de São Paulo, 26 de maio de 1935.

- 
- \_\_\_\_\_ e BANDEIRA, Manuel. **Itinerários**. Cartas a Alphonsus de Guimaraens Filho. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1974.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. 32. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.
- BUENO, Luís. **Uma história do romance de 30**. São Paulo: Edusp, Campinas: Editora da Unicamp, 2006.
- CASTELLO, José Aderaldo. **Literatura Brasileira**. Origens e unidade (1500-1960). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999, vol. II.
- JOHNSON, Randal. A dinâmica do campo literário brasileiro. Tradução Antonio Dimas. **Revista USP**, n. 26, São Paulo, jun./ago. 1995, p. 164-181.
- MACHADO, Marcia Regina Jaschke. **Manuscritos de outros escritores no Arquivo Mário de Andrade: perspectivas de estudo**. Dissertação de Mestrado, Programa de Literatura Brasileira, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, Universidade de São Paulo, 2005.